

#MULHERESNOFUTEBOL: TRANSITIVIDADE E AVALIATIVIDADE NA IDENTIFICAÇÃO DE PADRÕES SEXISTAS

#MULHERESNOFUTEBOL: TRANSITIVITY AND APPRAISAL IN IDENTIFYING SEXIST PATTERNS

Rodrigo Esteves de Lima-Lopes

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
rll307@unicamp.br

Izadora Silva Pimenta

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
izadora.pimenta@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo identificar processos avaliativos de julgamento em um corpus composto por 545 postagens no Twitter que contêm a hashtag #MulheresNoFutebol. Para realizar essa análise, partimos do referencial teórico da Linguística Sistêmico-Funcional, focando nos Sistemas de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) e Transitividade (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014) e também considerando o funcionamento do site de rede social em questão (boyd; ELLISON, 2007). Nossos resultados mostram que que grande parcela dos julgamentos, apoiados por processos verbais e mentais, questiona o conhecimento de mulheres a respeito de regras e outros elementos relacionados ao futebol, refletindo um sistema de representação de linguagem que explicita a estrutura machista presente no esporte.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico Funcional; Avaliatividade; Sexismo; Transitividade; Twitter.

Abstract: This work aims to identify judgement evaluative processes in a corpus composed by 545 Twitter posts that contain the hashtag #MulheresNoFutebol. In order to perform this analysis, we rely on the theoretical framework of Systemic-Functional Linguistics, focusing on the Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005) as well as Transitivity (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), and also considering the functioning of the social network site (boyd; ELLISON, 2007) in question. Our results show that a large proportion of the judgements, supported by verbal and mental processes, question women's knowledge about rules and other elements related to soccer, reflecting a language representation system that explains the sexist structure present in this sport.

Key-words: Systemic Functional Linguistics; Appraisal; Sexism; Transitivity; Twitter

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar escolhas no sistema de transitividade e suas possíveis implicações no julgamento das representações do feminino em um corpus coletado a partir da hashtag #MulheresNoFutebol. A hashtag em questão ganhou força no Twitter no dia 04 de maio de 2017 após ter sido divulgada em um blog dedicado ao Atlético Mineiro no site da ESPN¹. Na ocasião da postagem, as autoras do texto destacaram o objetivo de demonstrar a visibilidade feminina em um campo que, ainda, é predominantemente masculino. Com isso, elas fizeram um chamado para que fossem contadas histórias: de amor ao futebol, alegria, medos, anseios, casos de machismo sofridos, bem como evidenciar este espaço como um espaço também ocupado por mulheres.

A análise é realizada com base em pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, sobretudo no que diz respeito ao Sistema de Transitividade (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014) e ao Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). Deste último, nosso foco estará no julgamento, uma região semântica do subsistema de Atitude, que determina como o falante avalia o comportamento de um indivíduo, considerando aspectos positivos ou negativos. Tais julgamentos podem ser fruto do policiamento de uma cultura oral ou então dizer respeito a leis, códigos e comportamentos moralmente (não) aceitos.

De forma a alcançar tal objetivo, apresenta-se, inicialmente, alguns conceitos sobre o funcionamento da rede social estudada, considerando o aspecto conversacional em torno das hashtags e da Comunicação Mediada Por Computador (CMC) e sua coerência facilitada pelas

¹ Disponível em <http://espnfc.espn.uol.com.br/atletico-mineiro/paixao-preto-e-branca/14366-mulheresnofutebol-uma-historia-a-ser-contada>. Acesso em 27 Mai 2017

ferramentas do Twitter, de forma a compreender o contexto de situação (HALLIDAY, 1989) como base para identificar as variáveis de registro dessas escolhas léxico-gramaticais. Segue-se a metodologia utilizada para a análise deste corpus e os resultados obtidos, destacando os processos identificados e as ocorrências de julgamento, mesmo que em contexto implícito.

Twitter e a Comunicação Mediada por Computador: discussões replicáveis e dinâmicas

Na definição de Noblia (1998, p.2), a Comunicação Mediada por Computador (CMC), por meio da linguagem escrita e, em uma menor extensão, por meio da linguagem oral, é “uma ferramenta que torna possível construir um novo tipo de interação social além das barreiras do espaço”.² A autora também define que essa interação é caracterizada pela comunicação estabelecida entre pessoas por meio de um computador - embora atualmente outros meios como *smartphones*, *tablets*, leitores digitais (como *Kindle*) e, até mesmo, aparelhos de *Smart TV* possam cumprir tal função.

Tomando as principais características da mídia social na qual se encontra o objeto de estudo deste artigo, é preciso destacar a noção de coerência dentro da CMC (HONEYCUTT E HERRING, 2009), definida por trocas sustentadas de pessoa-para-pessoa e focadas em um tópico específico. Em um ambiente público e com vários participantes, a coerência pode ser problemática, já que a linha do tempo de um usuário mostra diversas mensagens sobre diversos assuntos ao mesmo tempo. Todavia, as características de interação presentes na rede são fundamentais para elencar essas postagens e torná-las coerentes, mesmo que haja uma maior possibilidade de estas serem interrompidas ou desviadas - e, de certa forma, a popularidade das conversas não é afetada por essa característica (HONEYCUTT; HERRING, 2009, p.2).

Portanto, no que diz respeito às redes sociais e à mediação digital, a participação dos usuários em uma conversação não se esvai – ela permanece, mantendo as discussões replicáveis independentemente da presença online dos atores, definidos por aqueles indivíduos que compõem a rede social estudada (RECUERO, 2009a; 2014). Desta forma, abre-se um caminho fácil para que atores entrem nessa discussão e participem, seguindo os passos de outros.

Como ainda lembra Recuero (2014), as conversações tomam outra dimensão e podem ser reproduzidas facilmente por outros atores, espalhando-se de forma dinâmica nas redes entre os mais diversos grupos. As conversas ficam cada vez mais expostas e públicas, abrindo espaço para novas opiniões e ampliando o debate que fora anteriormente demarcado por outrem. Este contexto definido pela autora pode ser observado em sites de redes sociais (boyd; ELLISON, 2007) como o Twitter, que abriga o objeto de estudo deste artigo.

O Twitter é um microblog no qual seus participantes postam mensagens curtas e limitadas por 140 caracteres, aqui definidas como *tweets*. Este mesmo limite de caracteres é respeitado nas interações entre dois ou mais usuários da rede, que são definidas pelo símbolo “@” precedendo o nome do usuário para o qual se deseja comunicar algo. Neste site de rede social, é possível seguir pessoas - cujas publicações aparecerão em uma linha do tempo para os usuários - e ser seguido. Não há nenhum requerimento de reciprocidade e, muitas vezes, nenhuma expectativa social (MARVICK; boyd, 2011). As possibilidades de interação são disponibilizadas logo abaixo do *tweet* quando impresso nas linhas do tempo alheias: é possível “responder” ao usuário, utilizando o modelo definido acima, “retweetar”, disponibilizando o *tweet* na linha do tempo de quem optar por essa interação, introduzindo-a para novas audiências (boyd et al., 2010) e, por fim, “curtir” o *tweet*, demonstrando que aquela publicação lhe agrada mas não disponibilizando essa mensagem aos seus seguidores – para os usuários que possuem contas privadas no Twitter, esta é a única interação disponível abaixo de suas publicações além de “responder”.

Marvick e boyd (2011) lembram que o Twitter permite também que os usuários enviem mensagens privadas para as pessoas que eles seguem por meio de mensagens diretas (abreviadas como DMs, de *direct message*), mas que as práticas de comunicação dominantes são públicas. Os

² Computer mediated communication, through the written language and, to a lesser extent, through the oral language, has turned into a tool that makes it possible to construct a new type of social interaction beyond space barrier (NOBLIA, 1998, p.2)

participantes do Twitter ainda fazem uso de hashtags, definidas pelo marcador “#”. Em boyd et. al (2010), destaca-se que as hashtags definem tópicos para os *tweets* para que outros usuários possam acompanhar conversações centradas em um tópico em particular.

As *hashtags* são marcadores de conversação que surgiram dentro do Twitter e, posteriormente, também passaram a integrar outras redes sociais, como o Facebook e o Instagram. Sua criação foi uma sugestão do desenvolvedor e defensor de software aberto Chris Messina, que se inspirou no uso do símbolo em canais de chat (MACKAY, 2016). A partir de 2009, o Twitter passou a transformar essas hashtags em links para uma outra página, que agrega todos os usos de uma determinada hashtag pelos usuários que possuem contas públicas. Qualquer palavra, expressão ou abreviação precedida pelo marcador “#”, podendo ainda conter outros símbolos ou palavras acentuadas, se torna suscetível a isso (AGÊNCIA ESTADO, 2014).

Nesse modelo aberto de discussões, as *hashtags* tornam as conversas presentes facilmente buscáveis (ZAPPAVIGNA, 2015) e também ampliam a possibilidade de esse espaço de discussão ser ampliado por atores que antes não possuíam ligação com nenhum dos membros participantes da rede de comunicação em questão. No Twitter, as *hashtags* são usadas para classificar mensagens, propagar ideias e também para promover tópicos específicos ou pessoas (CUNHA et al., 2011). Honeycutt e Herring (2009) salientam o potencial do Twitter em ser utilizado para dividir ideias e coordenar atividades, de forma semelhante à mensagem instantânea, mas de forma mais dinâmica. Isso se deve também devido ao fato de um papel importante na interação de pessoa-para-pessoa via Twitter ser a colaboração, destacando que o site de rede social vem sendo utilizado para disseminar informação e também para conectar grupos de pessoas em situação crítica - a propagação da Primavera Árabe, por exemplo, teve no Twitter e nas hashtags relacionadas ao assunto um ponto fundamental (BORGES, 2012).

Zappavigna (2015) ainda destaca que as *hashtags* permitem que os indivíduos busquem discurso nas mídias sociais, criando formas de apoio a um tipo de comunidade específica que surge da habilidade de encontrar o que as outras pessoas estão falando quase que em tempo real e coloca-as, ainda, enquanto uma prática social, atribuindo funções a elas nos campos experiencial, interpessoal e textual. Torna-se também necessário destacar que há uma característica particular nas hashtags enquanto marcadores no Twitter, como lembra Cunha et. al (2011): “(...) as hashtags são criadas pelos próprios usuários e um novo evento social pode levar para a emergência simultânea de diferentes tags, cada uma gerada por um usuário diferente. Elas podem ser aceitas pelos outros membros da rede ou não”.³

O Sistema de Avaliatividade e a Transitividade

O sistema de avaliatividade⁴ (MARTIN; WHITE, 2005) utiliza-se das bases da Linguística Sistemico-Funcional (LSF) para definir como o padrão linguístico de um texto pode determinar também a sua linguagem emocional. Para tal, três subsistemas são considerados: a **Atitude**, que determina quais avaliações são feitas, o **Engajamento**, que traz outras vozes para o texto e a **Gradação**, que determina a escala dessas avaliações (ZAPPAVIGNA, 2011), sendo que cada uma dessas áreas possui seus subsistemas. Lima-Lopes e Vian Jr. (2007) destacam que o Sistema de Avaliatividade identifica avaliações positivas ou negativas que o escritor/falante possui em relação àquilo que é avaliado. De forma direta ou indireta, essas avaliações têm implicações nas relações entre os indivíduos.

Para a análise, nos debruçaremos no subsistema da atitude, que ocupa um lugar central no processo avaliativo envolvendo o que está no campo da emoção, da ética e da estética (MARTIN; WHITE, 2005). O subsistema de atitude é dividido em três regiões semânticas: afeto, julgamento e apreciação, sendo que o julgamento será a região semântica a ser identificada no corpus coletado, como forma de destacar atitudes relacionadas ao comportamento dos participantes desta rede considerando as avaliações de cunho ético ou moral presentes nas postagens ligadas à hashtag.

3 (...) hashtags are created by the users themselves, a new social event can lead to the simultaneous emergence of several different tags, each one generated by a different user. They can either be accepted by other members of the network or not. (Cunha et. al., 2011, p.59)

4 Neste artigo, trabalharemos com a nomenclatura em português do sistema de avaliatividade e seus processos defendida por Vian Jr. (2009).

Por seu turno, a apreciação se manifesta no campo estético, além de descrever as reações que poderíamos ter, enquanto o afeto está relacionado com a emoção (ALMEIDA, 2010) e imprime avaliações de sentimentos positivos ou negativos, sendo ambas as avaliações realizadas sobre pessoas, coisas, atitudes, fenômenos, entre outros (MARTIN; WHITE, 2005).

Ainda na visão de Martin e White (2005), o julgamento está passível de críticas, louvor ou condenação. Sua classificação é dividida em algumas categorias. São elas: normalidade, capacidade, tenacidade, que estão no campo da estima social e veracidade e propriedade, que fazem parte dos julgamentos de sanção social, podendo ser a avaliação, em cada uma delas, positiva ou negativa, a depender daquilo que é utilizado pelo falante na avaliação e também do contexto de situação (HALLIDAY, 1989; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014). Os julgamentos de estima social são impressões de um policiamento da cultura oral. Já os julgamentos de sanção social dizem respeito à leis, códigos e comportamentos moralmente aceitos ou não. Contudo, cada um desses julgamentos também é diretamente ligado ao meio e às crenças e identificações individuais dos falantes. Como forma de analisar o discurso de uma CMC presente no Twitter, Zappavigna (2011) aplicou o sistema de avaliatividade para estudar o corpus referente à hashtag #Obama. Enquanto os objetivos da autora são de identificar o que ela chama de afiliação, este artigo focará naquilo que está sendo dito no corpus construído a partir da hashtag #MulheresNoFutebol, procurando identificar as avaliações presentes no discurso, bem como elas se interceptam de acordo com o caráter do evento social.

As Metafunções da linguagem definidas em Halliday e Mathiessen (2014) refletem nossa construção de significado em três domínios: o **ideacional**, que reflete a experiência de mundo de quem produz o texto, o **interpessoal**, que diz respeito às interações presentes neste texto e o **textual**, que organiza essas informações e lhes traz relevância (NEVES, 2004). O Sistema de Avaliatividade está inserido no domínio interpessoal; entretanto, a análise deste comumente é interligada com a análise do campo ideacional, já que ambos trazem informações que podem ser complementares para os resultados obtidos (EGGINS, 2004).

De acordo com Halliday (1994) e Halliday e Mathiessen (2014), nossa forma mais poderosa de representar a experiência está no reconhecimento de eventos - como acontecer, sentir, significar, ser e tornar-se - que podem traduzir tanto efigies de nosso mundo exterior como de nosso mundo interior (LIMA-LOPES; VENTURA, 2008; LIMA-LOPES, 2014), além de nos permitir interpretar essas experiências e seus fluxos de acontecimento (FUZER, 2012). O sistema gramatical pelo qual a Metafunção ideacional pode ser realizada é o de Transitividade, responsável por construir um mundo representacional e atribuir significado às nossas experiências. Para Lima-Lopes (2005; 2014), três elementos devem ser levados em conta quando realizamos uma análise a partir do Sistema de Transitividade: os grupos verbais, aqui chamados de processos, os grupos nominais, especificados pelos participantes da ação e os grupos adverbiais, que complementam as informações do processo.

Os processos podem ser divididos entre seis tipos, sendo três principais (materiais, mentais e relacionais) e três cujo significado está em uma zona de interseção entre, pelo menos, dois dos anteriores (verbais, existenciais e comportamentais). Definimos estes processos, com base em definições de Eggins (2004), Lima-Lopes (2014), Fuzer (2012) e Fuzer e Cabral (2014), da seguinte maneira:

- 1) Materiais: são os processos do fazer, que dizem respeito a ações do indivíduo no mundo exterior. Podendo ser transformativos ou criativos, são representados por verbos como criar, crescer, abrir, pegar, entre outros. Seus participantes são Ator, Meta, Escopo, Cliente e Receptor.
- 2) Mentais: identificados como os processos do sentir, são processos de nosso mundo interior realizados pelo experienciador da ação, podendo ser perceptivos, cognitivos, emotivos ou desiderativos. Seus participantes são o Experienciador e o Fenômeno.
- 3) Relacionais: os processos do ser e possuir podem ser classificados como os processos da Identificação e Atribuição. O indivíduo se relaciona ou é relacionado com algo, sendo os participantes da ação: Portador, Atributo, Possuído, Possuidor, Identificado e Identificador.
- 4) Verbais: esse processo, que está entre o processo mental e o processo relacional, realiza significados relacionados ao dizer. Seus participantes são o Dizente, a Verbiagem, o Receptor e o Alvo.
- 5) Comportamentais: processos que estão entre os materiais e os mentais. Nestes processos, expressões do mundo interior são expressadas no mundo físico.

6) Existenciais: são os processos do existir, representados por haver e existir. O existente é o único a participar desse processo (LIMA-LOPES, 2005).

Alguns estudos sobre português brasileiro incluem Rodrigues Junior (2005), que compara as escolhas de transitividade em histórias curtas gays americanas e suas traduções para português; Bressane (2000), que analisa uma reunião em uma empresa imobiliária; Lima-Lopes (2001; 2005; 2008; 2014; LIMA-LOPES & VENTURA, 2008), que investiga a transitividade nas cartas de vendas diretas. Em geral, esses estudos desencadeiam alguns resultados importantes em relação a este sistema em português, como a forma com a qual as estruturas gramaticais podem refletir opiniões ideológicas e sociais.

Existem estudos que também enfocam o sistema de transitividade como ferramenta para análise do sistema de avaliatividade. Entre eles, podemos destacar os trabalhos de Silva (2012), Jornada (2009) e Olmos (2011). Silva (2012) estuda a representação de *gays* idosos pela imprensa, demonstrando a existência de padrões de representação desse grupo. Já Jornada (2009) discute as representações do ex-presidente Lula nos textos de Diego Mainardi, sendo que seus resultados identificam os principais padrões da avaliação negativa feita pelo jornalista. Olmos (2011) reflete sobre como meninas adolescentes são afiguradas em revistas segmentadas, sendo que seus resultados mostram que elas são representadas a partir de relacionamentos e de suas preferências no lazer.

Metodologia

Este artigo contou com a utilização de metodologias de análise baseadas tanto na análise de redes como na Linguística do Corpus, no que tange à análise e à raspagem dos dados.

Com o uso da ferramenta NodeXL,⁵ que utiliza como base o Microsoft Excel para extrair dados de redes sociais, foram colhidos todos os tweets que apresentavam a hashtag #MulheresNoFutebol no período de 04 de maio de 2017 a 11 de maio de 2017, com um total de 1862 tweets, sendo que, para a presente análise, foram excluídos os retweets para evitar a repetição de mensagens. É importante lembrar que a intenção deste artigo não é determinar um corpus significativo do site de rede social em si, e sim aquele que representa a hashtag #MulheresNoFutebol em sua primeira semana de vida.

A exclusão resultou em 545 tweets utilizados para a identificação de processos avaliativos de julgamento, sendo que o corpus é descrito na tabela 1. Como podemos observar, o corpus conta com 11.562 palavras no total, sendo 9091 palavras diferentes. Cada um dos *tweets* analisados conta em média com 21,21 palavras, sendo 16,8 destas diferentes; o corpus tem uma relação *type/token* de 1,27. Esses dados indicam que as interações analisadas possuem uma relativa complexidade e um baixo grau de repetição de palavras. Fato que acaba por reverberar em nossa análise, uma vez que termos que antes da análise nos pareceriam chave – tal como a palavra *machismo* – ocorre um número reduzido de vezes. Isso nos levou a uma estratégia de pesquisa e análise que se fundasse mais amiúde em uma análise qualitativa dos dados.

Tabela 1: Descrição do corpus

<i>Tokens</i>	11.562	Média de palavras por <i>tweet</i>	21,21
<i>Types</i>	9.091	Palavras diferentes por <i>tweet</i>	16,8
<i>Tweets</i>	545	Relação <i>type/tokens</i>	1,27

Esses 545 *tweets* foram compilados em um corpus com as ferramentas *Sketch Engine*, e *Iramuteq*⁶ de forma a tornar visível a identificação de escolhas léxico-gramaticais que podem anteceder ou suceder um processo avaliativo em cada um dos *tweets* em questão, além de tornar visível o aspecto probabilístico de alguns julgamentos relacionados com tais escolhas. É importante ressaltar que os *tweets* são apresentados sem alterações ou modificações de sua instanciação linguística, de forma a preservar sua autenticidade discursiva.

⁵ <https://nodexl.codeplex.com/>

⁶ <https://www.sketchengine.co.uk/> e <http://www.iramuteq.org/>

Nesta análise, buscamos identificar os julgamentos presentes neste corpus e sua relação com os processos observados na análise do Sistema de Transitividade. Assim como Zappavigna (2011), trabalhou-se manualmente com um recorte ainda mais limitado e aleatório, de 100 tweets, a fim de poder analisar como esses julgamentos são explicitados pelos atores presentes.

Foi preciso buscar os julgamentos escondidos nestes tweets. Consideramos o julgamento tanto quando ele é diretamente feito pelo ator responsável pela postagem, que chamaremos aqui de *falante*, quanto quando este julgamento é narrado, tendo sido feito por outra pessoa - neste caso, consideraremos o comportamento do julgamento desta outra pessoa, já que o falante relata a maneira com a qual foi julgado. Alguns destes julgamentos não são diretamente adjetivados, mas são de possível compreensão a partir do que é descrito - Nunes e Cabral (2013) descrevem este fator como uma percepção ou não do leitor das marcas deste julgamento implícito de acordo com o seu contexto social, cultural e ideológico.

Assim, definimos a hashtag #MulheresNoFutebol e seu objetivo de mostrar a presença feminina em um ambiente predominantemente masculino como o campo deste contexto, como é sugerido por Halliday (1989) ao colocar a linguagem em uma perspectiva sociosemiótica. O modo, por sua vez, é escrito, em um meio digital e dinâmico de um site de rede social como o Twitter, que permite a buscabilidade das mensagens. Já as relações envolvem o contexto definido pelo uso de hashtags e pela característica de coerência definida na CMC. A interação envolvida nesta hashtag rompe as barreiras do espaço e mantém coerência por ser focada em um tópico específico, com o uso de um marcador para identificar essa conversação. Além disso, as hashtags permitem com que os falantes conversem com uma audiência imaginada (MARVICK; BOYD, 2011) e comuniquem-se dentro do escopo definido pelo campo - mesmo que não haja uma certeza de quem irá receber estas mensagens, há uma certeza no que elas devem comunicar.

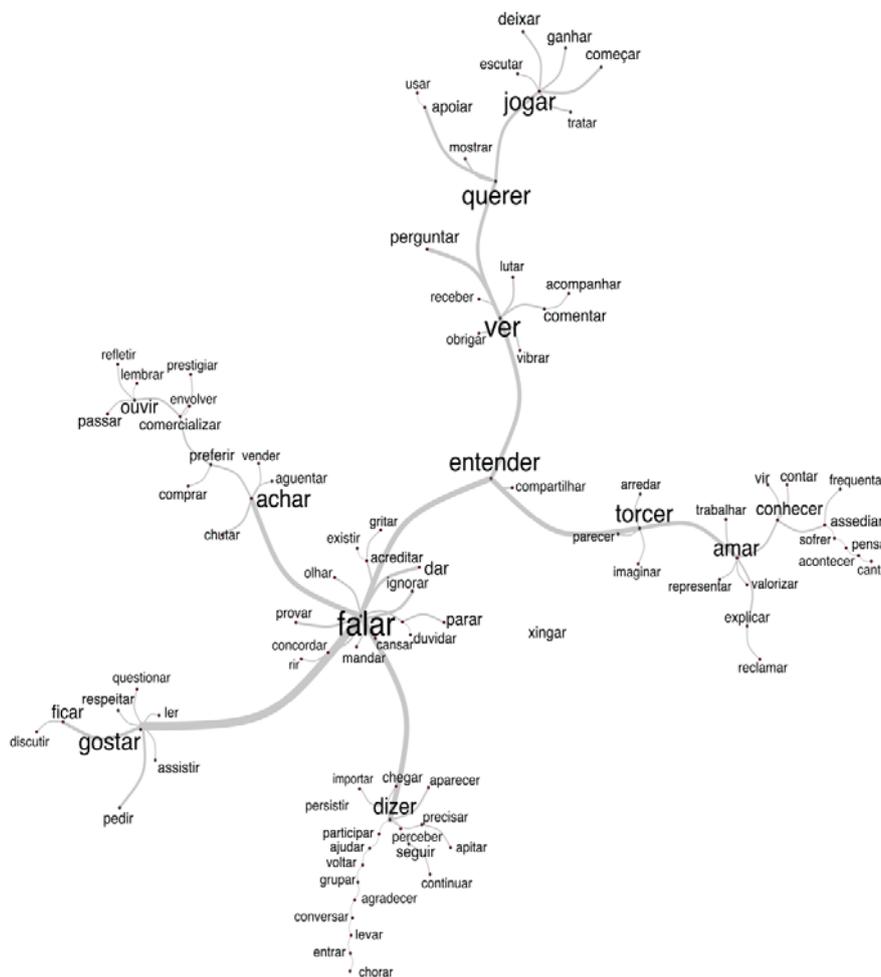
Como esta é uma análise em português brasileiro, foi preciso também adaptar a terminologia para o nosso contexto e suas formas particulares, como sugerem Lima-Lopes e Vian Jr. (2007). Sendo assim, fatores como a cordialidade, o *jeitinho brasileiro* e a estrutura do português brasileiro em pontos como a afixação e a posição dos adjetivos devem ser considerados.

De forma conjunta à análise de concordâncias, este trabalho também se utiliza de metodologias de análise de rede, de forma a compilar um gráfico de interação da hashtag, com o objetivo de observar como se dá a distribuição da informação pela rede representada por ela. Na área de Linguística Aplicada, ainda há poucos estudos que utilizam tal metodologia, como é o caso de Lima-Lopes (2017). No que tange ao processo de edição dos tweets, a análise dos gráficos de rede levou em conta a totalidade das postagens. Todos os dados foram tratados de forma que seus autores não sejam identificados, preservando sua identidade e integridade de forma a manter os princípios de boa prática nas pesquisas em mídias sociais (Beninger, 2016).

O Estudo

O sistema de construção da representação da avaliação no corpus de pesquisa parece ser resultado de uma série de estratégias relacionadas à forma como a mulher é retratada. Os processos presentes no corpus ocorrem de forma conjunta a alguns campos de significação, como mostra a figura 1. Nossa análise estará centralizada naqueles que representam a avaliação da relação do feminino com o futebol. De forma a operacionalizar tal análise, são utilizadas tanto concordâncias - escolhidas a partir de termos chave que ajudam a representar tais avaliações - como exemplos, apresentados entre parênteses.

Figura 01: Processos no corpus #MulheresNoFutebol



Observa-se que *falar* é um processo verbal, que ocupa uma posição central na rede ali representada. Ele aparece associado ao discurso relatado, o que gera uma projeção que identifica a mulher, ora em tom de surpresa (*sempre que to numa rodinha tem um que fala “nossa ela entende ne”*) ora em tom de desmerecimento ([...] *uma merda os caras falando “vc não sabe nada de futebol”*). E no contexto dessa projeção que os demais processos ocorrem, identificando o discurso machista. Em raras ocasiões a mulher é representada como Dizente e, portanto, enunciadora de proposições que identificam seu deslocamento e comparação negativa com o homem, detentor do direito a tal desporto ([...] *você tá falando que nem macho*). Os processos associados estão relacionados à necessidade da mulher de provar constantemente seu conhecimento. A mulher é alvo de julgamentos referentes ao seu lugar social junto ao esporte, sendo que, no segundo, há a construção de uma legitimação do feminino, em contraponto ao machismo sofrido discursivamente.

Esse tipo de projeção também ocorre de forma bastante frequente com os verbos *dizer* e *querer*, utilizados para projetar a capacidade de aceitar o feminino no universo futebolístico. Muitas vezes, a estratégia utilizada é desmerecer a capacidade feminina, algo que é recorrente em diferentes momentos (*Já li um comentário em uma matéria minha dizendo: “Não acredito em um site em que uma mulher fala”*), ou desmerecer a luta contra o machismo no esporte ([...] *a mulherada só não quer IGUALDADE na hora de APOSENTAR*)

Quadro 01: Concordâncias de escalação no corpus #MulheresNoFutebol

1	vc é torcedora mesmo se souber de cor a	escalação	do time em 1996 #mulheresnofutebol
2	Quer falar de futebol, mas não sabem nem a	escalação	“#MulheresNoFutebol passam por uma sabatina

3	você torce? Grêmio Então fala a	escalação	de 1987 Entrevista antiga que fiz com
4	#MulheresNoFutebol “qual a	escalação	do Cruzeiro de 1966?” “Mas você sabe
5	AMO futebol, PAREM de me perguntar qual a	escalação	do meu time td vez q eu falo sobre isso
6	de futebol e os macho ficam perguntando a	escalação	inteira. Vão se foder p lá!
7	#mulheresnofutebol FALA A	escalação	QUE GANHOU O MUNDIAL
8	MulheresNoFutebol já me pediram pra falar a	escalação	do time do Galo inúmeras vezes pra “provar
9	mulher falando de futebol q tem q perguntar a	escalação	de tal time em 1988 #mulheresnofutebol
10	torce p um time, um cara chega e pergunta a	escalação	do time?! #MulheresnoFutebol “Juntas por
11	perguntou qts camisas do galo eu tinha e qual a	escalação	do time de 1971 pra saber se eu era atleticana
12	#MulheresNoFutebol Cansei de ouvir: qual a	escalação	do teu time? O que é impedimento?
13	time você torce?” “Grêmio” “Então fala a	escalação	de 1987” Guerreiras project,
14	para explicar o que é impedimento e falar a	escalação	do meu time...

Considerando o julgamento de estima social do tipo capacidade, as concordâncias apresentadas pelo quadro 01 destacam como as mulheres são julgadas ao falar sobre futebol ou ao destacar o gosto pelo esporte. A estratégia aqui parece estar relacionada à atribuição do desconhecimento de regras ou elementos considerados importantes no jogo. Isso é o que ocorre com o conceito de *escalação*, que diz respeito ao elenco que representa um determinado time em um jogo de futebol. Ela é utilizada como parâmetro para determinar esse julgamento (ver quadro 1); ao se projetar seu desconhecimento ao feminino, reflete-se um campo negativo da capacidade, tornando a mulher ignorante sobre o desporto. Isso se faz presente pela necessidade de um processo mental ou verbal para poder operar tal julgamento. Em ambos os casos, esse sistema funciona por meio do questionamento da mulher enquanto entidade informada, recaindo sobre uma espécie de desmerecimento de sua ação como *comportante* do processo *torcer*.

Nos processos verbais estes questionamentos ocorrem em forma de indagação direta, como observado nas concordâncias (de 3 a 14). Tal questionamento passa pelo saber histórico (concordâncias 3, 4, 9), ou mesmo contemporâneo (concordâncias 6, 12 e 14), em proposições nas quais mulheres relatam ter de verbalizar respostas referentes à *escalação* de seus times. Assim, os processos verbais por parte de quem realiza o julgamento questionam processos mentais cognitivos, em cujos mulheres são as experienciadoras, tendo o futebol como *fenômeno*. Nesses processos as mulheres instanciam tanto o papel de *alvo* do questionamento, como de *dizentes* das informações (concordâncias em 6, 10 e 12 no quadro 1).

Achar (ver figura 1) é um processo mental que está relacionado a uma avaliação do masculino a partir da vivência de ações de machismo. Em tais contextos, aos homens é projetada a responsabilidade pela avaliação negativa do feminino e de sua relação com o futebol, especialmente em termos de suas capacidades cognitivas para tal (*Eles acham que nós não temos capacidade de entender*). Como mostram as concordâncias 1 e 2 (quadro 1), o questionamento reside na capacidade cognitiva da mulher. Em 8 (quadro 1) a identificação da torcedora (*que vc é torcedora mesmo*) está condicionada pelo conhecimento (*se souber de cor*) de uma escalação de especial importância para o time; a possível falha em apresentar essa informação seria o elemento determinante dessa não identificação. Já na segunda, a falha em enumerar o grupo de jogadores (*não sabem nem a*) é usado como um incapacitador do sentimento de torcer. Em ambos, um processo mental cognitivo é, assim, utilizado como supressor da capacidade emocional de torcer por um time.

Quadro 02: concordância para “impedimento” no corpus #MulheresNoFutebol

15	aparece um homem perguntando o que é	<i>impedimento</i>	Falei que torcia para o Corinthians.
16	Mas você sabe o que é	<i>impedimento</i>	? Sou mulher e amo Futebol
17	não sabe nada de futebol” “ah me explica	<i>impedimento</i>	então “ SIM eu sou mulher, e SIM eu AMO
18	peçoas sem que me perguntem o que é	<i>impedimento</i>	Futebol é lugar de mulher SIM!
19	não entende de futebol, não sabe o que é	<i>impedimento</i>	ou está no estádio para ver os homens”....
20	sobre futebol sem que me perguntem o que é	<i>impedimento</i>	. #MulheresNoFutebol
21	time aparece um homem perguntando o que é	<i>impedimento</i>	“ou é só falar que torce pra algum time
22	Não preciso explicar o que é	<i>impedimento</i>	para “provar” que entendo de futebol”
23	que ouvir a frase “Me explica a regra do	<i>impedimento</i>	então” #MulheresNoFutebol
24	homem questione se você sabe o que é um	<i>impedimento</i>	ou um escanteio #mulheresnofutebol você
25	ouvir: qual a escalação do teu time? O que é	<i>impedimento</i>	? #MulheresNoFutebol “O Mineirão é nosso
26	já escutei de chefe se sabia o que era	<i>impedimento</i>	#MulheresNoFutebol Uma das alegrias da
27	misóginos q ã entende fut, ã sabe o q é	<i>impedimento</i>	ou q vê jogo por causa do corpo dos atletas
28	vezes já me pediram para explicar o que é	<i>impedimento</i>	e falar a escalação do meu time...”
29	tal parar de duvidar que sabemos o que é	<i>impedimento</i>	? Caras, vocês querem apoiar as

Como podemos observar no quadro 02, o questionamento também ocorre com outros termos relacionados às regras do futebol. Aqui *impedimento* é a *verbiagem* de um processo verbal que indaga a mulher (alvo) sobre o conhecimento do termo. Esse termo normalmente está em uma proposição relacional identificativa, sendo sua equivalência a resposta esperada; o padrão de ocorrência de impedimento é único no corpus, o que leva a uma fraseologia bem estável. Apesar de estar presente apenas em 2 linhas (concordâncias 15 e 21) é a habilidade comportamental de *torcer* (ver figura 1) que é novamente colocada em xeque. Como se pode observar na figura 1, *torcer* está relacionado a outros processos comportamentais, como é o caso de *arredar* (... *não arreda o pé do estádio*) e mentais cognitivos – como *imaginar*, utilizado de forma a depreciar o comportamento da mulher (*Nunca imaginei q tu fosse Maria-chuteira a ponto de ir*).

Algo que deve ser observado é que o levantamento de processos nas ocorrências com os termos “escalação” e “impedimento” nos oferecem o mesmo padrão: processos mentais cognitivos, nos quais o termo é o *fenômeno*, e verbais, nos quais ele é a verbiagem de uma pergunta instanciada por quem realiza o julgamento, normalmente o homem, em um cenário no qual cabe às mulheres realizar processos verbais com função de resposta.

Quadro 03: concordância para amo no corpus #MulheresNoFutebol

30	Sou mulher e	amo	Futebol
31	SIM eu sou mulher, e SIM eu	AMO	futebol, PAREM de me perguntar qual a escalação
32	É NÓIS MANAS #MulheresNoFutebol EU	AMO	,EU ENTENDO, EU VIBRO, EU TORÇO, EU CHORO
33	SIM, SOU MULHER E	AMO	FUTEBOL ♥ #MulheresNoFutebol
34	Poder fotografar, fazer o que eu	amo	trabalhar no futebol e de quebra conhecer
35	Eu	Amo	Sim, Eu entendo Sim, Não preciso de Homem
36	gosto de futebol e	amo	o GALO desde que nasci. nunca tive apoio

37	sim e claro! Podemos estar onde queremos	amo	de mais futebol ❤️
38	Eu	amo	futebol sim, sou fanática sim, posto sim
40	nas ruas e na luta. Super apoio até pq eu	amo	Futebol. Amo torcer, gritar, apoiar e acreditar
41	luta. Super apoio até pq eu amo Futebol.	Amo	torcer, gritar, apoiar e acreditar!
42	um jogão de bola! #MulheresNoFutebol Eu	amo	tanto Futebol que não aguento ficar um

As mulheres só são retratadas como experienciadoras em processos mentais de afeição, como mostra o quadro 03. *Amar* é o único verbo no qual esse tipo de padrão ocorre, sendo que ele parece estar ligado à definição do feminino como capaz de gostar e compreender futebol. Como pode-se observar nas concordâncias de 30 a 42 (quadro 03), *amar* pode ocorrer em conjunto com um processo de identificação que parece ser utilizado como uma resposta ao pressuposto machista de que a mulher não é capaz, ou precisa constantemente provar seu *know-how* sobre o desporto.

Tal reação passa por um processo de autoafirmação de sua condição de mulher (*SIM eu sou mulher...; SIM, SOU MULHER; sou mulher... é nós...*), ver quadro 3, que funciona como uma espécie de contraposição que abre a possibilidade de utilização de outros processos, entre eles comportamentais (...*EU VIBRO, EU TORÇO, EU CHORO; ... torcer, gritar...*), nos quais a mulher é comportante, mentais cognitivos (...*EU ENTENDO; ... apoiar e acreditar...*), nos quais ela também é a experienciadora e materiais (...*PAREM de me perguntar*), no qual ela é o ator.

De fato, na figura 1 observamos que *gostar* está relacionado a uma série de a processos nos quais os experienciadores são instanciados por mulheres. O campo de gostar traz questionamentos sobre a capacidade do feminino: o experienciador é automaticamente alvo de um processo verbal utilizado para desmerecer sua capacidade (... *você não pode falar que gosta de futebol sem que um homem questione*). Em alguns casos, o *locus* social do feminino é motivo de estranheza, gerando reação e, como resultado, associando *gostar a respeitar* (“*Você e menina, e gosta de futebol?*” *Eu: “Caralho me respeita ...*).

Amar é um processo central nessa cadeia de construção de significados. Como podemos observar na figura 1, ele está relacionado tanto a ações como *trabalhar* (concordância 34, quadro 3), *torcer* (concordância 41, quadro 3) e é também utilizado como forma de demonstração da relação emotiva entre o feminino e o futebol. Na concordância 36 (quadro 3), tal sentimento é associado diretamente a um time (*Galo*), ao passo que em 31, 33, 32 e 40 (ver quadro 3) ele está relacionado com o desporto; em ambos os usos, a mulher é o experienciador de processos mentais em cujo fenômeno é ora o futebol ora ações que sobre ele recaem. Um exemplo que chama a atenção, ver concordância 38, está no processo relacional identificativo que ocorre logo depois de amar: ele serve de âncora para a legitimação de ações do feminino. Essa legitimação se dá e é justificada pelo seu amor. Um fato que não pode deixar de ser notado é que tais exemplos ocorrem apenas em falas femininas; tais processos jamais são atribuídos às entidades masculinas.

Quadro 04: Exemplo de validação da capacidade feminina no futebol

(Eu)	Já joguei	(futebol)
Ator	Pr. Material	Meta
Tem mulher que	joga	melhor que muito homem
Ator/existente	Processo Material	Circ: compração

Quadro 05: Exemplo de validação da capacidade feminina no futebol

eu	sei	mais que meus amigos homens	sobre futebol
Experienciador	Pr. mental	Circ: compração	Circ: tema
dói	não ter alguém pra falar sobre isso		
Pr. Comportamental	Comportamento (existencial projetada)		

Uma forma de interpretar tais dados pode ser a percepção da representação da mulher como um ser capaz de compreender, sentir e se comportar no universo do futebol. Assim, o reconhecimento desse potencial é algo que necessariamente passa por algum tipo de validação social. Por muitas vezes, ele ocorre de forma comparativa: a medida da capacidade feminina é dada a partir de sua justaposição como masculino, que se coloca como parâmetro.

O quadro 04 traz um exemplo dessa comparação. Há o julgamento de estima social no campo positivo da capacidade, sendo que o falante destaca primeiro que desconsidera o futebol enquanto um esporte masculino, levando em conta seu conhecimento do meio (impresso em *já joguei*) para, então, avaliar que “tem mulher” (o que precede o fato de que a avaliação é válida apenas para um grupo de mulheres e não para as mulheres como um todo) que *joga melhor* (ou seja, é mais capaz) que muito homem (avaliação válida apenas para um grupo de homens e não para os homens como um todo). Ou seja, a representação caminha para argumentar em favor de haver “poucas mulheres que jogam melhor que alguns homens”.

Já o quadro 05 traz um exemplo similar, agora utilizando processos mentais. A comparação reside no conhecimento superior de uma mulher em relação a um grupo específico de homens (*mais que meus amigos*) e não todos os homens em geral. O resultado dessa condição é o isolamento, refletido no processo comportamental (*doer*) que exprime uma dor psicológica resultante da comparação. Em tais exemplos, os elementos circunstanciais têm um papel importante: eles introduzem as entidades masculinas que servem de parâmetro para a mensuração do conhecimento feminino, oferecendo a legitimação necessária. Novamente o conhecimento feminino é relativizado em relação a um grupo específico de homens.

Quadro 06: concordância para “homem” no corpus #MulheresNoFutebol

42	maravilha “Ah Fulana, futebol é coisa de	homem	.vai ficar sofrendo por causa de 11 homens
43	futebol é coisa de menino””””vc parece um	homem	vendo jogo””””vc sabe jogar?! mas vc é
44	Parece	homem	assistindo jogo credo”” - Mãe #MulheresNoFutebol
45	FUTEBOL E COISA DE	HOMEM	, nao e lugar de mulher, mulher devia estar nos seus afazeres domesticos!
46	não podia jogar futebol pq era “esporte pra	homem	“ #mulheresnofutebol
47	ja escutei quando jogo ou torço Qndo um	homem	começa a jogar, ninguem duvida da capacidade
48	“ Se uma mulher joga bem ”””joga igual um	homem	”” #mulheresnofutebol” Comparem a quantidade
49	“Sabemos tanto quanto os	homens	#MulheresNoFutebol” O campo também é nosso
50	Nem vcs sabem” “Entendem mais que muitos	homens	, essa tag é necessária mesmo..
51	fato, e geralmente quem pensa isso são os	homens	que ficam assediando as meninas no estádio
52	IR ao estadio, não tem como ir sozinha.	homens	não respeitam a nossa presença. é foda,
53	acham q vc “gosta” de futebol pra atrair	homem	

No quadro 6, as concordâncias demonstram outros julgamentos provenientes da utilização de *homem* e suas variações. Nelas, há uma ideia de que o futebol é algo do universo masculino, tomando como imprópria a relação entre a mulher e tal esporte. Nas concordâncias 42 a 46, a utilização de um processo relacional identificativo caracteriza o futebol como *coisa de homem/menino*; nessa relação o gostar por futebol é algo impróprio que ou demonstra a mulher como incapaz de entender a mecânica do jogo, dá sua função como experienciadora de um processo cognitivo de prosódia semântica negativa (*sofrer*, em 42) ou a relaciona com o universo masculino

de forma depreciativa (*parece [um] homem* em 43 e 44), talvez a masculinizando. Em 45 a estratégia é deslocar o *locus* do feminino para o ambiente doméstico; define-se o desporto como um lugar masculino e inadequado, de forma a identificar as torcedoras como pertencentes ao lar, por meio de um relacional identificativo circunstancial (*devia estar nos seus afazeres domésticos!*).

Nos exemplos de 47 a 50, novamente, observamos a relação comparativa entre homens e mulheres. Em 47 e 48, a comparação versa sobre a capacidade de efetivamente *jogar*. No primeiro, a capacidade é questionada pela presença de um processo verbal: o masculino não sofre tal questionamento, inferindo-se, assim, que a mulher sim; já no segundo, a qualidade do feminino, quando existente, é igualada por um elemento circunstancial de comparação, numa clara implicação que qualquer homem teria um desempenho superior apenas por ser deste gênero. Em 49 e 50, ocorre o emprego de processos mentais novamente, em um processo comparativo do conhecimento entre homens e mulheres, algo bastante similar aos padrões já identificados.

As concordâncias 51 a 53 identificam assédio, seja ele físico (51 e 52) ou moral (53). No caso do primeiro, o significado passa de uma identificação entre o homem que pensa que o futebol é um espaço masculino e o ato de agressão ao feminino (*ficam assediando; não respeitam*). Já o segundo tipo passa por uma identificação do feminino: seu conhecimento sobre futebol se justifica apenas como uma tentativa de sedução (*para atrair*). Na figura 1, há uma associação de processos que parecem representar um padrão que identifica o sofrimento de tais ataques pelas mulheres. Ali, *assediar* ocorre conjuntamente com *sofrer*, *acontecer* e *frequentar*. Tal padrão parece identificar que a presença de mulheres nos estádios é retribuída com o assédio, como se houvesse uma relação de causa e consequência entre eles.

Quadro 07: Concordância para “torcedoras” no corpus #MulheresNoFutebol

54	quando digo que sou	torcedora	do Real Madrid e o cara fala só pq tem em o Cristiano Ronaldo né?
55	enfeite. Não somos musas ou bibelôs, somos	torcedoras	, jogadoras, jornalistas, árbitras, treinadoras
56	a maioria não considera mulher como	torcedora	, só como acompanhante...
57	merecemos ser valorizadas e respeitadas enquanto	torcedoras	, atletas, jornalistas esportivas etc.
58	jogadora ou	torcedora	deve ser respeitada. Eu cortei meu cabelo
59	você “#MulheresNoFutebol são as melhores	torcedoras	. Choram, vibram o tempo todo”
60	Sou o tipo de	torcedora	q acompanha meu time todo santo jogo...
61	Essa é Fulana de Tal, primeira	torcedora	do Galo e a fundadora da primeira torcida
62	tem o cara que só vai “acreditar” que vc é	torcedora	mesmo se soube de cor a escalação do time
63	dizem que toda vez que uma mulher fala que é	torcedora	de um time aparece um homem perguntando
64	Já ouvi de homem que não discutia com	torcedora	“clubista”, quando minha opinião era contrária
65	machismo e perceba que mulheres tbm são	torcedoras	! A gente tá aqui desde antes do termo “
66	MulheresNoFutebol ainda lutam para serem vistas como	torcedoras	! Ciclana, Fulana

O quadro 7 traz exemplos de concordâncias com a palavra *torcedora* e suas variações, mostrando que a questão do respeito à mulher aparece de diferentes formas. As concordâncias de 54 a 57 trazem representações do feminino realizadas por processos relacionais. Em 54, o processo relacional passa pela atribuição ao papel de torcedora, questionado em uma relação significativa muito próxima ao que ocorre na concordância 53 (quadro 6), na qual seu papel é atribuído à sua relação com o masculino. Em 55, 56 e 57 o papel de mera acompanhante é atribuído de forma regular pelo uso de processos relacionais atributivos circunstanciais, sendo que as mulheres

possuem o papel de portadoras. A valoração do feminino como bibelô (55) ou acompanhante (56) parece dar a estes participantes um papel meramente decorativo.

As concordâncias 59, 60 e 61 trazem proposições que parecem valorar a mulher enquanto torcedora. Aqui elas são portadoras de características positivas: apaixonadas pelo time (59), frequentadora assídua (60) e fundadoras de torcida (61), em contextos nos quais os processos relacionais são os responsáveis por essa atribuição que parte das mulheres; são elas que se autorrepresentam de forma a negar atribuições negativas.

Já as concordâncias de 62 a 64 trazem o processo de questionamento de conhecimentos, já explorado anteriormente. Aqui a narrativa é, novamente, de indagações a respeito dos elementos básicos do jogo: sua identificação como torcedora passa por um processo inquisitório instanciado por processos verbais. Por fim, 65 e 66 atribuem a mulher o papel de torcedora, a despeito do pensamento masculino corrente.

Considerações finais

Este artigo teve por objetivo analisar escolhas no sistema de transitividade e suas possíveis implicações no julgamento das representações do feminino em um corpus coletado a partir da hashtag #MulheresNoFutebol.

De forma a alcançar tal objetivo, esta pesquisa se fundamentou em uma perspectiva sociossemiótica da linguagem (HALLIDAY, 1989), que encara a comunicação como um sistema social e cultural de significados. A linguagem, por sua vez, se intercepta com a estrutura social, que também faz parte desse sistema.

Esta abordagem se fixa em uma compreensão global do contexto como forma de motivação de nossas ações de linguagem.

Um fator importante a ser levado em conta neste trabalho é que, por conta da característica de relato, motivada pelo campo do discurso, estes julgamentos, muitas vezes, não apareceriam na voz de quem os proferiu originalmente e, sim, daquelas pessoas que os colocaram em discussão. Seguindo a ideia de lutar pela presença feminina em um campo predominantemente masculino, muitos dos relatos foram encaminhados em frases e/ou situações que mulheres ouviram de/ passaram com homens ou, até mesmo, outras mulheres reproduzindo o machismo estrutural do meio futebolístico. A hashtag #MulheresNoFutebol, por sua vez, dá a tônica das relações por permitir que, aqueles que a utilizam, conversem com uma audiência imaginada, ampliando os limites da CMC, mas sem perder sua coerência. O meio escrito, dinâmico e buscável no qual estas mensagens se apresentam também dita como elas são colocadas a esta audiência.

A figura 2 traz o sistema de atitude observado nos dados. Observamos que os três subsistemas, Afeto, Julgamento e Apreciação, estão presentes no corpus de pesquisa. O primeiro relacionado à mulher enquanto indivíduo que possui sentimentos pelo esporte, o segundo, relacionado ao seu julgamento reativo contra o machismo e, o terceiro, em uma apreciação do feminino baseado em suas características físicas, e não pelo seu conhecimento do esporte.

Figura 02: Sistema de atitude no corpus #mulheresnofutebol



Figura 03: Sistema de julgamento no corpus #mulheresnofutebol



Tal percepção é importante para que possamos entender como a mulher é julgada nesse contexto. Como mostram os resultados, seu conhecimento é sempre minimizado e carece de uma

constante validação social. Tal validação se configura ora por constantes oitivas referentes aos seus saberes sobre as regras do desporto, ora por uma constante comparação ao masculino, esse último tido como padrão de conhecimento, validado exclusivamente pelo seu gênero.

Na análise manual do corpus, chegou-se à conclusão de que parte importante dos julgamentos (ver figura 03 para o sistema) são de estima social do tipo capacidade, sendo que a maior parcela é de avaliações impressas a vozes masculinas pelos falantes que dizem respeito ao conhecimento ou não de mulheres sobre regras e outros elementos relacionados ao futebol, sendo “impedimento” e “escalação” os léxicos mais comuns que acompanham estes julgamentos. Estes julgamentos também são, em grande parte, apoiados por processos verbais e mentais, nos quais a exigência do saber (processo mental) regras do futebol é requisitada para falar sobre (processo verbal) futebol. A estima social, por sua vez, se manifesta em termos da avaliação negativa da normalidade da presença da mulher no universo desse esporte, assim como do constante questionamento em relação a seus saberes.

Esses julgamentos também estão impressos sobre processos materiais realizados por mulheres, como ir ao estádio, marcar uma falta e ter uma camisa do Galo (nome pelo qual é popularmente conhecido o Atlético Mineiro). Processos relacionais baseados em “ser mulher” e “parecer homem” se fazem presentes junto a processos de julgamento de estima social no campo da normalidade, ou seja, há uma grande quantidade de avaliações nas quais os falantes acreditam que a mulher está deslocada de seu gênero por gostar de/jogar futebol. A reafirmação do meio machista do futebol está em processos relacionais nos quais aqueles definidos como “machistas” realizam julgamentos a respeito de mulheres e sua relação com o futebol.

Uma amostra dos julgamentos que estão presentes no corpus são trazidos entre aspas por outras pessoas que, ao simplesmente relatá-los, podem imprimir um processo avaliativo de afeto em relação ao que é retratado. Alguns já possuem o afeto diretamente expresso antes ou após destacar o julgamento na voz de outras pessoas.

Como já colocado anteriormente, a LSF, abordagem na qual este trabalho se apoia, entende que a construção do significado é o resultado de uma interação entre fatores ideológicos que motivam os sistemas de escolhas e de representação. Dessa forma, os resultados mostram que o lugar do feminino dentro do universo de pesquisa é necessariamente definido como inferior e menos qualificado que o masculino. A importância de estudos como os que aqui se apresentam está em observar e mapear como a lógica de uma representação de gênero binária e que pré-classifica capacidades pelo ser “mulher” ou “homem” acaba por criar um sistema de representações de linguagem que se coloca como machista, principalmente, pela atribuição ao feminino do papel de torcedora de segunda classe.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à FAPESP (processo 2016/112305) pelo financiamento desta pesquisa.

Referências

AGÊNCIA ESTADO. Conheça a origem e os significados da #hashtag na internet. **Gazeta do Povo**, Agosto de 2014 <<http://www.gazetadopovo.com.br/tecnologia/conheca-a-origem-e-os-significados-da-hashtag-na-internet-ebu1b9qdf8os4hony5ew380e>>. Data de acesso: 27 Mai 2017

ALMEIDA, Fabíola S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D.P. **A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BENINGER, K. Views on the ethics of social media research. In: SLOAN, L. (Ed.). **The Sage handbook of social media research methods**. 1. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Inc, 2016.

BORGES, Thassio. Redes sociais foram o combustível para as revoluções no mundo árabe. **OperaMundi**, Janeiro de 2012 <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/18943/redes+sociais+foram+o+combustivel+para+as+revolucoes+no+mundo+arabe.shtml>>. Data de

acesso: 27 Mai 2017.

boyd, danah m.; GOLDER, Scott; LOTAN, Gilad. Tweet, tweet, retweet: Conversational aspects of retweeting on twitter. In: **System Sciences (HICSS)**, 2010 43rd Hawaii International Conference on. IEEE, 2010. p. 1-10.

boyd., danah m. e ELLISON, Nicole B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

BRESSANE, T. B. R. 2000. **Construção de identidade numa empresa em transformação**. Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL - PUCSP São Paulo.

CABRAL, Sara Regina Scotta; NUNES, Glivia Guimarães. Avaliatividade e julgamento: uma análise de texto. **Nonada Letras em Revista**, v. 1, n. 20, 2014.

CUNHA, Evandro et al. Analyzing the dynamic evolution of hashtags on twitter: a language-based approach. In: **Proceedings of the Workshop on Languages in Social Media**. Association for Computational Linguistics, 2011. p. 58-65.

EGGINS, Suzanne. **Introduction to systemic functional linguistics**. A&C Black, 2004.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria/RS, 2014.

FUZER, Cristiane. Vítimas e vilões em reality shows no Brasil: representações e avaliações com base em evidências léxico-gramaticais. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 56, n. 2, 2012.

HALLIDAY, Michael A. K. Part A. In: HALLIDAY, Michael A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 1989.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian MIM; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. Routledge, 2014.

HERRING, Susan; ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Computer-mediated discourse 2.0. **The handbook of discourse analysis**, v. 2, p. 127-151, 2015.

HONEYCUTT, Courtenay; HERRING, Susan C. Beyond microblogging: Conversation and collaboration via Twitter. In: **System Sciences**, 2009. HICSS'09. 42nd Hawaii International Conference on. IEEE, 2009. p. 1-10.

JORNADA, Z. D. **Representações sociais em artigos de opinião**. Mestrado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria. 2009.

LIMA-LOPES, R. E. DE. Processos relacionais em cartas publicitárias. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 1, p. 35-69, 2008.

LIMA-LOPES, R. E. DE. Transitivity in Brazilian Greenpeace's electronic bulletins. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 2, p. 413-439, jun. 2014.

LIMA-LOPES, Rodrigo E. de. Levantamento de Processos em Cartas de Mala Direta. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 44, n. 1, p. 133-160, 2005.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves de; VIAN JR, Orlando. The language of evaluation: appraisal in English. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 23, n. 2, p. 371-381, 2007.

LIMA-LOPES, Rodrigo Esteves; VENTURA, Carolina Siqueira Muniz. A transitividade em Português. **Direct Papers**, v. 55, 2008.

MACKAY, J. Chris Messina on creating the hashtag, keeping the web free, and the evolution of communication - **Crew.co**. Disponível em: <<https://crew.co/blog/chris-messina/>>. Acesso em: 3 out. 2017.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter R. **The language of evaluation: appraisal in english**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2005.

MARWICK, Alice E.; boyd, danah m. I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience. **New media & society**, v. 13, n. 1, p. 114-133, 2011.

NOBLIA, Maria Valentina. The computer-mediated communication, a new way of understanding the language. In: **International Conference**. 1998. p. 25-27.

OLMOS, O. L. Q. **Adolescentes em editoriais da revista Capricho: linguagem, contexto e representação**. Mestrado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria. 2011.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos**, v. 16, n. 38, p. 118-128, 2009.

RECUERO, Raquel. Mapeando redes sociais na internet através da conversação mediada pelo computador. **Educação e Contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador: EDUFBA, p. 251-274, 2009.

RODRIGUES JÚNIOR, A. S. An Exploratory Study of Representation of Gay Characters in a Parallel Corpus of Short Stories: a Systemic-Functional Approach. **Cad. Tradução**, v. 16, p. 83-104, 2005.

SILVA, T. S. 2012. **Irenes: representação sobre homossexuais idosos no contexto midiático sob a perspectiva sistêmico-funcional**. Mestrado em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria.

VIAN JR, Orlando. O Sistema de Avaliatividade e a linguagem da avaliação. In: VIAN JR., O; SOUZA, A. A. de; ALMEIDA, F. S. D.P. **A linguagem da avaliação em Língua Portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

VIAN JR, Orlando. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

ZAPPAVIGNA, Michele. Ambient affiliation: A linguistic perspective on Twitter. **New media & society**, v. 13, n. 5, p. 788-806, 2011.

ZAPPAVIGNA, Michele. Searchable talk: the linguistic functions of hashtags. **Social Semiotics**, v. 25, n. 3, p. 274-291, 2015.